ANO II—N.º 474 PREÇO, 5 CENTAVOS Sexta-feira, 23 de Julho de 1920

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. *Tathaba—Lisboa* • Telefone:?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Com licença...

Exactamente como no tempo em que o falecido coronel Baptista esteve à testa dum govêrno, *A Batalha* lá foi ontem censurada, por ordem do sr. António Granjo, jornalista e novíssimo presidente do ministério, cujo primeiro acto foi mandar aplicar a uma parte da Imprensa da capital o odioso regime da censura prévia, censura que numa das dependências do negro antro do govêrno civil é exercida pela polícia de segurança do Estado, conforme indicação que lhe foi dada, como ontem vimos, pelo liberal chefe do govêrno, o jornalista sr. António Granjo, director da *República*.

¿Protestou o sr. Granjo, no tempo do falecido coronel, contra o regime truculento a que estiveram sujeitos alguns jornais, entre êles também *A Batalha*, que tantas *simpatias* conta entre os capitalistas e os que da política fazem profissão? E' que então era êle jornalista e além disso, estava, como político que é, na oposição. Hoje, embora continue sendo jornalista, é o homem da situação, pôsto que preside a um govêrno, e govêrno que principia muito bem...

¿Era então uma ilegalidade e uma violência o procedimento dos que governavam com relação aos referidos jornais? Sim, era uma arbitrariedade porque não partia do sr. Granjo, mas de elementos políticos aos quais era adverso. Havia apenas essa diferença.

¿Declarou por essa época o sr. Granjo que a legislação em vigor não permitia o exercício da censura, embora uma lei de excepção, na qual colaborou, como bom liberal que é, estabeleça o princípio da apreensão em casos especiais? E' certo, mas o sr. Granjo para proceder exactamente como todos os outros políticos, tinha essa opinião porque estava fora do pôder, mas uma vez de posse dêste, acha agora legítimo o que ontem considerava arbitrário. E o contrário é que seria para estranhar. E' que a lei, nesta radiosa república que o povo implantou e tem segurado, não é o que está consignado no papel, mas o que está no ânimo dos governantes. Sempre assim foi e assim será até um dia...

O sr. Granjo, como todo o patriota que se preza, tem, por outro lado, horror à linguagem despejada, e como pretende que os jornais sejam primorosos para com os governantes e todas as fôrças que os apoiam, impõe a alguns desses jornais, não a todos, porque isso poderia ser talvez perigoso, a censura, embora texto algum legal a permita, conforme s. ex.ª declarou naquela reunião há tempo realizada na redacção de *A Vitória*, onde, por sinal, foi um dos jornalistas que mais indignação exteriorizou em face das brutalidades então cometidas contra uma parte da imprensa.

E, assim, está posto êste dilema aos três jornais ora atingidos pela Ordem: ou não criticam os actos do govêrno e das autoridades—que é afinal o que se pretende—ou, se o fazem, ainda que a primor, opõe-se lhes a mordaça.

A isto está reduzido, neste ditoso país, o direito respeitado até nas mais reaccionárias monarquias da Europa, da expressão do pensamento, direito a que temos ouvido chamar sagrado e que afinal é de todos o mais desprezado, contribuíndo sobretudo para que assim suceda os próprios jornalistas: uns porque procedem como o sr. António Granjo, quando, por momentos, deixam de estar no exercício efectivo da profissão para governarem os povos com os rutilos raios da sua sabença; outros com o soberana indiferença que revelam ante os mais afrontosos atentados à primacial conquista do espírito humano, qual é a de traduzir gráfica ou verbalmente as manifestações do pensamento.

Dizendo isto não pretendemos nós—não vá supor-se tal coisa—que a imprensa burguesa nos dê a sua solidariedade neste momento de ferozes truculências, porque a posição de combate que ocupamos com muita honra, na imprensa, portuguesa não é de molde a que contemos com as simpatias dos jornais que formam no campo aposto.

Nunca pedimos essa solidariedade nem a pediremos; não só porque sabemos o que ela vale, mas também porque somos bastante inteligentes para compreender que o maior desejo de quási todos os jornais que aí vêem a luz da publicidade seria ver desaparecer esta tribuna, não propriamente pela concorrência que possa fazer-lhes, mas pelas ideas que propaga, ideas de renovação social, emquanto as suas são de conservação.

Basta-nos a solidariedade da classe operária organizada, e com essa contamos hoje e sempre para fazer face a todas as violências com que sejamos alvejados no exercício da missão ingrata de que fomos incumbidos e que, através de todos os obstáculos, havemos de forçejar levar a bom termo.

É possível que sejam tantas as contrariedades e as perseguições que encontramos no nosso caminho que esta folha rebelde, mas leal, tenha de cair. Se tal suceder havemos de regressar às oficinas que momentâneamente fomos forçados a trocar por esta onde estamos escrevendo de conciência ao alto, seguros de que nunca nos servimos desta tribuna senão para atacar de frente, de peito descoberto, o que quer dizer que, em relação a nós—que só por nós falamos—foi infeliz o sr. António Granjo em incluir no seu *ukase* aquela nota triste das *insinuações*, porque não há insinuações onde existe ataque franco, rude mesmo, a todas as instituíções burguesas, que pretendemos lançar por terra, não pelo prazer, que seria estúpido, de destruir, mas de transformar no sentido de proporcionar a todos o bem-estar que para nós próprios ambicionamos.

NOTAS & COMENTARIOS

Bem com a igreja Ao contrário do que alguns jornais noticiaram as associações operárias de Évora não se fizeram representar no funeral do arcebispo de Évora. Informámo-nos do caso e soubemos que ao operariado de Évora a morte do arcebispo não aqueceu nem arreteceu. Apenas os empregados do comércio, que ainda temem deus e são, naquela cidade, feitos à imagem e semelhança dos patrões, não quizeram romper com a igreja. Por isso acompanharam o corpo, cobriram a bandeira de crepes, e içaram-na a meia haste na sua sede.

Julgamos mesmo que se confessaram, comungaram e seguirão brevemente para Espanha a fim de entrarem num convento.

Que vão com deus...

Entre família Cumprimentaram ontem o sr. ministro das finanças, a direcção do Banco Nacional Ultramarino, a direcção do Banco Economia Portuguesa, o presidente e juízes do Supremo Tribunal de Justiça, o procurador Geral da República, os tesoureiros da fazenda pública de Lisboa, os srs. coronel Vitorino Cesar, dr. Tavares de Carvalho, etc.

Vê-se bem que eles são donos disto e não precisam dizer verdades.

Trabalhadores lêde e propagai A BATALHA

Em Espanha

Ao contrário do que se faz em Portugal, levanta-se a censura à imprensa

BARCELONA, 17.—O governador civil, sr. Bas, disse o seguinte ao mandar levantar a censura:

«Cumprindo uma promessa que fiz, participo-lhes que dei ordem no sentido de que de hoje em diante seja levantada a censura prévia à imprensa. Espero que os jornais dominarão as suas veemências e que depois de tanto tempo estarem sujeitos à censura, não farão comentários nem publicarão informações que nos ponham na triste situação de volver a estabelece-la.

Desejo que a paz se restabeleça em Barcelona e para isso usarei de todos os meios possíveis. Disse no primeiro dia—acrescentou Bas—que não falaria de presos; mas tenho que romper êste silêncio, para dizer-lhes que até ao fim do mês estarão em liberdade os que por engano se encontram no cárcere. A resolução desta questão tem-se retardado mais do que eu julgava, embora se deva ter em conta que todos os presos foram detidos na qualidade de elementos perigosos e estudarei cada caso.

'As vezes necessito pedir alguns dados que não encontro no govêrno civil.»

Millerand e a Rússia

Fazendo-se forte vai-se chegando a bom caminho

PARIS, 22.—O sr. Millerand, no seu discurso de terça feira referindo-se à Polónia, disse: O presidente do conselho da Polónia, Grobski, foi a Spa bara pedir auxílio das potências aliadas, como seqüência das negociações havidas sôbre as relações comerciais com o govêrno nos sovietes.

O govêrno britânico foi de opinião que convém continuar as conversações pedindo ao govêrno dos sovietes que conceda o armistício, e avisou os aliados.

Daí a compreender desta mesma tribuna que dependia apenas do govêrno dos sovietes o entrarmos em conversação com êle. Por rasões que não posso conhecer, o govêrno dos sovietes assim o não entende. No dia em que lhe convier tomar figura de govêrno, aceitando os princípios elementares, o govêrno da república estará pronto, como o declarou, a entrar em conversações.

Nesta ocasião não faço mais que abster-nos não sem declarar ao govêrno britânico que apreciava muito nas actuais circunstâncias a sua iniciativa, e que desejava ardentemente o seu êxito, e entretanto assim como o representante da Itália participei da conferência que houve entre os aliados e o presidente do Conselho de ministros da Polónia, conferência em que aquele acordou com a atitude que no caso de falharem as negociações tomaria a Polónia.

Fui esta manhã avisado pelo nosso embaixador em Londres, que, segundo os seus hábitos, o govêrno dos sovietes respondera a um pedido do sr. Lloyd George que tivéra a honra de se lhe dirigir, com rara impertinência.

O govêrno britânico no telegrama onde fazia as suas propostas manifestava nitidamente o desejo de uma solução pacífica, e que não intervíria sem unir-se aos aliados para defender com toda a fôrça e por toda a forma a Polónia.

Ser-me há permitido apontar a situação do general Wrangel que na Crimea e na Turídia corajosamente e neste momento favorecido pelas circunstâncias, luta com êxito contra o bolxevismo, assegurando-se do apoio e simpatia das populações, aplicando a reforma agrária, dividindo as terras pelos aldeãos, e neste momento preocupa-se em elaborar uma representação popular. No dia em que êste govêrno pedir para ser reconhecido como tal, está bem entendido que uma questão prévia lhe seria apresentada e que por seu lado começaria por declarar-se solidário e responsável por todos os compromissos anteriores russos para com os estados estrangeiros.—*Rádio*.

Bela Khun, vai para a Rússia

FRANCFORT, 17.—A *Gazeta de Francfort* recebeu notícias de Viena que confirmam que Bela Khun saíu para a Rússia com o comissário do povo Yago.

Não se trata de uma fuga, mas de uma medida combinada com o govêrno austríaco, de acôrdo com a comissão da Assemblea Nacional e é conseqüência de um acôrdo firmado em princípios de Julho, em Copenhague, com o Govêrno dos Sovietes e o presidente da comissão austríaca de prisioneiros de guerra.

Segundo êste acôrdo, o govêrno austríaco devia autorizar o comissário do povo húngaro a dirigir-se à Rússia.

Sabe-se que Bela Kun esteve internado na Austria desde 1 de Agosto de 1919 até ao mês de março de 1920 no castelo de Warlstein. Depois foi, por instâncias suas, para Viena.

O DESESPÊRO POPULAR

Contra a carestia da vida

Em Castelo Branco o povo revolta-se, assaltando alguns estabelecimentos

CASTELO BRANCO, 21.—C.—A carestia da vida, nesta cidade, tem tomado ultimamente tais proporções que era vulgar e constante ouvir-se manifestar, até aos mantenedores da ordem, a opinião de que êste povo era demasiado pacífico, pois não se sabia como êle podia suportar tal estado de coisas.

Mas como não há nada que não tenha limite, ontem, pelas 17 horas, os operários corticeiros abandonaram o trabalho, como protesto contra uma tam angustiosa situação, juntando-se lhe muito povo que num momento de desespêro assaltou alguns estabelecimentos, travando-se luta braço a braço com os seus proprietários, havendo muitos vidros partidos e ficando uma das lojas sem coisa alguma.

A massa popular era enorme e a certa altura apareceu a guarda republicana, comandada pelo tenente Passos, que, com a delicadeza do costume, destribuiu pranchada a torto e a direito, não respeitando velhos nem crianças, sendo medonha a confusão e ficando muita gente ferida, havendo ferimentos de gravidade.

De infantaria 21 chegaram a saír forças e a cidade está entregue ao poder militar.

Encontram-se presas vinte uma mulheres e um menor.

Hoje de tarde todas as classes abandonaram o trabalho em sinal de protesto, reünindo na Associação dos Corticeiros, protestando contra as arbitrariedades cometidas, tendo-se resolvido promover um processo contra os agressores do povo. A cidade continua patrulhada por praças da guarda republicano e de artilharia.

Já ontem, pelo telegrama que inserimos, o nosso correspondente de Castelo Branco informava os leitores de *A Batalha* de graves ocorrências que ali se tinham dado, hoje fornece-nos notas mais completas.

Como se vê pelos factos narrados e por outros já sucedidos em várias povoações da província, os gananciosos e assambarcadores vão provocando o povo à desordem, como dizem os políticos e todos os burgueses da alta e baixa esfera, porque a fome o vai desiludindo da protecção dos governantes.

Professores de Ensino Primário

Convidam-se todos os professores de ensino particular, incluindo os não associados, a assistir a uma reünião da classe que se efectua na sua sede, rua da Madalena, 225, 1.º, no dia 25 do corrente, pelas 14 horas, para tratar da última reforma de ensino primário.

REPORTAGENS DE ESPANHA

Dois conselhos de guerra: penas de morte e prisão perpetua para alguns sublevados de Saragoça e doze anos de presídio para um agaloado assassino

MADRID, 16 de Julho

Por uma coincidência notável acabam de realizar-se dois conselhos de guerra, um em Saragoça e outro em Cartagena; o primeiro para julgar os inculpados nos sucessos do quartel de Carmen, quando da sublevação dos artilheiros, em Janeiro do ano corrente, e em que o nosso camarada sindicalista Angel Chueca pagou com a vida o seu muito amor à causa do povo, que êle queria ver emancipado e feliz.

Os leitores de *A Batalha* devem recordar-se desses acontecimentos que originaram além da morte de Chueca, o fusilamento de sete soldados de artilharia, que cometeram o tremendo crime de esquecerem as imposições da disciplina, para seguirem a voz da sua consciência, revoltada pela vida da caserna.

O segundo conselho, em Cartagena, foi para julgar o tenente de marinha Garcia Moreno, que por divertimento matou um soldado com um tiro de sal.

A disparidade das sentenças em relação à gravidade dos crimes julgados em ambos os tribunais militares, leva-nos a pô-los em confronto para que os camaradas possam mais uma vez obter a confirmação do que vale a justiça burguesa.

O julgamento dos amotinados de Saragoça

Os principais acusados como cabeças de motim, isto é, como organizadores da sublevação e responsáveis pelos factos ocorridos na noite de sedição, ou morreram no acto, como Chueca, ou foram fuzilados em seguida ao fracasso do movimento, mas isto não foi bastante para satisfazer os rancores dos reaccionários e daqueles que não querem ver perturbadas as suas existências improdutivas, e que tam nocivas são ao bem estar dos que trabalham.

A sociedade e a diseiplina não ficaram suficientemente desagravadas com o fuzilamento dalguns dos que se declararam em rebeldia, acto que é classificado um crime ou uma heroicidade, conforme as circunstâncias, porque a sociedade e a disciplina podem ser sempre e impunemente agravadas desde que aqueles que o fazem pertençam ao mundo burguês e o façam para satisfazer os seus mesquinhos interêsses de classe.

A acção das juntas militares impondo-se aos poderes constituidos da nação, não constitui um delicto, mas a atitude indecisa ou indiferente, o facto de não denunciar aos superiores a preparação do levantamento e de não procurar resistir aos insubordinados, são motivos para aplicar as penas de morte e de prisão perpetua, porque se trata de simples soldados e operários.

Foi por isso que a justiça legal arrastou ao conselho de guerra mais vinte e uma vítimas, envolvidas num processo destinado a dar um severo exemplo.

Na primeira sessão do julgamento o juiz instrutor leu o sumário do processo, em que se relatam os acontecimentos e as conclusões a que chegaram os trabalhos de investigação.

O promotor, que no seu discurso de acusação, mostrou não querer exagerar a nota, pedindo o máximo da pena, declarou que não era partidário dela, pois que não se consegue com isso mais eficácia no exemplo, tendo por último modificado as suas primitivas conclusões, que ficaram reduzidas ao seguinte:

Penas de morte: Camilo Martinez, cabo de artilharia, Jacinto Pérez, Jesus Artigos e Juan Lourios, soldados de artilharia.

Prisão perpétua: Juan Menasach, soldado de cavalaria, José Muniz, Manuel Moure, Juan Bautista Ramos, Amadeo Pérez, José Prieto, Pablo Aguaron, Dionisio Morales e Ramon Curra.

Doze anos e um dia: António Bornao, cabo de pontoneiro, José Moñer, Eusebio Tuset, Juan José Sáinz, Manuel Toisert, José Maria Gómez e Miguel Torrent, soldados de pontoneiros, e igual pena para o operário Gregorio San Agustin.

Os defensores rebateram as conclusões do promotor, pedindo a absolvição dos seus constituintes, mas foi em vão, pois que a doutrina inexorável dos códigos tem que ser cumprida.

Recolhido o Conselho de Guerra para deliberar, às onze e meia do dia 15 foi lida a sentença que alterava as conclusões do promotor, dando o seguinte resultado:

José Artigas e Juan Lourido, condenados à pena de morte; Camilo Martinez, prisão perpétua, e Jacinto Pérez, absolvido.

A sentença condena a prisão perpétua, Juan Menasach, Muniz, Prieto e Ramos, e a oito anos e um dia de prisão militar maior os restantes para quem o promotor pedia prisão perpétua.

Ao operário Gregorio San Agustin, cabo Bornao e ao soldado Manas, foi aplicada a pena pedida pelo promotor, e para os restantes para quem êle pedia a mesma pena, ficou reduzida a seis anos e um dia de prisão maior, com excepção do soldado Juan José Sáinz, que foi absolvido.

A leitura da sentença produziu uma grande impressão nos soldados, os quais amarrados pela disciplina, não se atreveram a protestar, o mesmo não acontecendo com o operário San Agostin, que protestou com toda a energia, afirmando, como o fizera repetidas vezes, que estava inocente. Ficou num tal estado de nervosismo que não pôde assinar a sentença.

Os dois condenados à morte não assistiram à leitura da sentença, tendo ficado nos calabouços, pois o Código de Justiça Militar não permite que as penas de morte sejam comunicadas aos processados, até ao momento de entrar na capela, a antecâmara do fosso ou da parada onde serão fuzilados. Que requintada é a hipocrisia burguesa!

A sentença causou péssima impressão, pois é rigorosa, não tendo em atenção o estado de excitação em que vive todo o mundo, e procurando simplesmente vingar os instintos da reacção, que pretende afogar em sangue as manifestações de revolta provocadas pelo seu despótico domínio.

A sociedade, cometendo mais estes novos crimes, sabe bem que não evita novas e futuras sedições dentro e fóra dos quarteis, pois que o sangue não se lava com sangue, antes o seu derramamento origina e alimenta desejos duma violenta deforra da parte dos vencidos contra a insolência e tirania dos vencedores.

O julgamento do oficial assassino

Emquanto em Saragoça se julgaram e condenaram a penas severas simples acusados de cumplicidade no crime de sedição militar, em Cartagena, o promotor classificou os factos imputados ao tenente de infantaria de marinha Enrique Garcia Moreno, como homicidio por imprudência temerária, pedindo a pena de desassete anos de prisão militar e dez anos para um cabo, retirando a acusação contra o sargento José António Soato, que redigiu uma parte falsa por ordem do tenente, e que estavam envolvidos no mesmo processo.

Mas vejâmos o que diz o sumário do processo: comparem-se os dois factos e notar-se-há sem esfôrço que, para a sociedade, o assassinato dum soldado cometido por um oficial, é coisa de menor importância que a simples cumplicidade num acto de insubordinação, que muitas vezes é causada pelo medo de ser vitimado ou pela justificada repugnancia de desempenhar o ignóbil papel de delator.

O sumário, cuja leitura durou duas horas, diz em resumo: que na tarde do dia 25 de Julho do ano passádo achava-se destacádo num depósito de polvora o tenente Garcia Moreno, e para distrair-se ordenou ao cabo Hilário Fuertes que carregasse uns cartuchos com sál para disparar contra os soldados.

O cabo prevendo os funestros resultados que podia ter brincadeira tam bestial, preveniu o tenente do perigo que havia e encheu os cartuchos de papel, mas o oficial disparou primeiro contra uma parede, indignando-se por se ver desobedecido e exigiu que o cabo a cumprisse, o que êste fez obedecendo à férrea estúpida disciplina, mas continuando a avisar o tenente do mau resultado que podia dar.

Garcia Moreno não se importou e chamando o recruta Elizondo ordenou-lhe que se inclinasse, disparando-lhe um tiro numa nádega, que lhe produziu umas escoriações, e achando pouco divertida uma tal bestialidade colocou na mesma posição o tambor Mesa e disparou à queima roupa.

O infeliz caiu banhando em sangue e com os intestinos desfeitos tam horrorosamente que, nos primeiros momentos, os médicos julgaram que a ferida era de bala de Mauser.

O criminoso oficial, alarmado com o sucedido, conduziu o soldado para a sua cama, fazendo-lhe um curativo provisório, e em vez de chamar um médico, chamou um enfermeiro.

Ao segundo dia agravou-se o estado do soldado, e fizeram-no conduzir ao hospital de Cartagena, mas faleceu no caminho.

Para iludir as responsabilidades encarregou o sargento de redigir uma parte falsa, declarando que o soldado se tinha suicidado. Descoberto o facto, desenterrou-se o cadáver e os médicos deram a sua informação, duvidando que a ferida fôsse de sal.

O advogado defensor do tenente, pretendeu demonstrar que o delicto teve simplesmente o carácter de imprudência e se produziu de modo casual, lendo muitas sentenças do Supremo em casos identicos, acabou por solicitar ao tribunal que o condene a três meses de prisão maior, contando-lhe o de prisão preventiva já sofrida.

Segundo a deliberação do conselho de guerra, o oficial assassino foi condenado a doze anos de presídio.

E é isto: os desgraçados filhos do povo estão à mercê dos caprichos criminosos de certos individuos, sem dúvida, tarados, e que abusam da autoridade que a cega disciplina que se inculca aos pobres, lhes faz julgar omnipotente.

Para um simples acto de insubordinação, de que os principais elementos pagaram com a vida a sua temeridade, houve penas de morte, para um assassino confesso e falsário, doze anos de presídio.

Não se julgue que queriamos a pena de morte para êle, não, simplesmente desejariamos que a severidade e o espírito de vingança não se tivessem cevado com tanta fúria contra os coudenados de Saragoça.

E depois de tudo, estamos convencidos que Garcia Moreno não sofrerá os doze anos de presídio, nem coisa que se pareça, pois um indulto ou uma anistia se lembrarão de arrancá-lo à prisão, que para êle não terá os horrores que tem para os párias da sociedade.

Juan de la CALLE

A CIDADE...

Os jardins públicos

Poderá ser ingenuidade minha confessá-lo, não sei mesmo se constituirá má-criação ou ofensa à moral pública. Não posso, porêm, deixar de ser franco: amo a Mulher. Não amo uma nem duas, amo todas sem excepção. E' fraqueza minha? E' um crime? Não o discuto. Amo a Mulher.

O homem muitas vezes é como deus—escreve direito por linhas tortas. Ao dizer sinceramente que amo a Mulher, queria citar as flores e ao falar de flores, desejava simplesmente referir-me aos jardins. Não profundei ainda que laço íntimo liga as mulheres e as flores aos jardins. Há uma necessidade de passar ao papel o nosso sentir, como há necessidade de comer, trabalhar, dormir e gosar. Viver é agir e cada um vive à sua maneira e feitio. Viver é expandir-se e uma das variadíssimas formas de viver é admirando e exprimindo pela palavra ou pela acção as nossas emoções ante a Natureza.

Admirar o que há de belo na natureza é desejar uma vida melhor. Eu admiro a Mulher, as flores e os jardins. Sinto uma vontade imperiosa de falar de tudo isto. Dirão alguns dos meus camaradas de ideas que as flores, os jardins e talvez as mulheres, nada teem que vêr com a Revolução Social. Eu poderia responder-lhes... Não respondo. Esta crónica é dedicada apenas a cousas fúteis.

Eu amo os jardins sossegados, idílicos, onde erra um perfume estonteante. Creio firmemente na influência do jardim sôbre a alma humana. E um jardim como os que eu amo, como os que eu sonho, faria o homem bom. Se os houvesse por aí a todos os cantos da cidade, seria um belo princípio de regeneração. Se existissem essas Babilonias de verdura, onde o homem se perdesse, os jornais não nos dariam, dia a dia, tam desenvolvidas crónicas de crime.

Eu gostava de poder gosar durante algumas horas calmas a sombra fresca de grandes jardins, onde as flores fôssem variegadas e perturbantes como sorrisos de mulher; onde a relva se estendesse verde e húmida sob frondosas arvores; onde os caramancheis envoltos em trepadeiras leves como rendas protegessem bancos toscos e convidativos; onde recantos sombrios me chamassem ao sossego de admiráveis momentos de fantasia. Também desejava que mulheres esbeltas e gracís colhessem flores, muitas flores; desde as rosas vermelhas, sangrentas e sensuais aos cravos, impertigados como D. Juan, raiados de branco e de violeta; dos miosótis minúsculos como olhitos azues que nos fitam e dizem maravilhas de pequenez e graça, aos lírios roxos tristes, sós e doloridos; da papoila encarnada, simples como rude camponesa, ao amor-perfeito de veludo, polvilhado de amarelo, de pétalas abertas lembrando borboletas bizarras. Ao sair duma alea de luz velada, queria encontrar um longo manto de violetas emoldurado em relva e sôbre êle, aqui e acolá, a pincelada branca dum jasmim; por todos os lados hortenses magnificas de variados tôns, saüdades roxas e infinitamente tristes, goivos cantando ao sol como a bandeira espanhola em dias de tourada, margaridas modestas, rosas enfatuadas e *snobs*, gira-soes gigantêscos e mimosas camélias, grinaldas de noiva mais virginais do que muitas noivas, crisantemos amarelos, brancos e complicados; queria vêr também a alfazema e o alecrim e embriagar-me com seu perfume campesino.

Mas não vejo nada disto. Os meus jardins não os encontro em Lisboa, existem apenas na minha fantasia.

Há por aí efectivamente uns jardinsitos que a Câmara mandou amanhar. Não são jardins, são cemitérios de flores. Na cidade tudo perde o seu verdadeiro carácter. As flores esmaiecem e tem menos côr, assim como as virgens empalidecem e cedo se prostituem. Há na cidade um vento doentio a que nada escapa, nem o homem nem as cousas. Parece que o passarêdo irrequieto e saltitante não povôa as arvores tísicas que metem dó, nem as flores raquíticas nos atraiem o olhar farto de quebrar-se nas duras arestas da arquitetura dos Bancos. As crianças que sob a vigilância das mamãs dão a sua corridita tímida pelas aleas, são escrofolosas e linfáticas, sarapintadas de feriditas roxas e purulentas. A relva fôfa, onde sabe bem andar é-lhes vedada. ¡Como a garotada pularia ali sem perigo de magoar os membros frageis! O verdadeiro prazer, pular e correr, não é permitido ao petiz, mórmente se uza fundilhos e não traz nas sandalias ou nos calções, o atestado de opulência. O guarda persegue-os sempre de marmeleiro em punho; é velho, rabujento e melhor compreenderia às delicias do azilo do que o prazer dos pequenos.

De inverno o jardim é um deserto. O lisboeta friorento prefere alapardar-se ao borralho, ou encafoar-se no café. Por vezes, quando o sol espreita sorridente por uma aberta de nuvens de algodão sujo, que os anjinhos do Senhor tecem lá no alto, os merceeiros ricos, que odeiam a especie humada, gostam de isolar-se num banco pensativos como asnos que pastam. Sucede também juntarem-se dois para o cavaco; ali desfiam suas recordações de rapina, ali se insurgem—ordeiramente, é claro—contra o comércio de hoje, que por velhice já não podem exercer.

—No meu tempo—dizem eles—o negócio era...

E vão por ali fóra em lento falar, mascando no charuto barato, até que as horas de jantar os chamem a satisfazer os formidaveis ventres, sôbre os quais grossas correntes descansam.

No outôno o jardim público é desolador. E' uma dor de alma, vêr cair, pingue-pingue, as folhas secas e amareladas como ouro velho, sôbre a areia humida, ou segui-las com a vista quando o vento sibilante as arrebata, as leva, rodando, voltejando em curvas sinuosas, ou em turbilhão para, para... Eu não sei para onde vão as folhas secas que pelo o outôno caiem...

O povo invade geralmente o jardim quando as flores começam a secar sob a ardencia do sol fulgurante de estio.

Nesses dias de pleno verão, quando o sol vai já voltando para o acaso e as sombras do arvoredo se prolongam saltando canteiros, invadindo os recantos e os andares altos da casaria fronteira começam a cobrir-se duma luz doce, feita de ouro diluido em violeta, os pares de namorados apertam-se mais e suas frases tornam-se mais ternas e languidas. Passeiam eles, seguidos dos pais da noiva, umas vezes; sós, absolutamente sós, outras, ao longo dos arruamentos estreitos e sinuosos. Alguns esperam anciosamente a noite, para na volta do caminho, trocarem um beijo rápido, outros procuram em vão um banco desocupado. Não há um só lugar. Velhotes calvos e obesos limpam o suor e recostam-se para trás; senhoras Soizas e Pires, já durazias, observam tudo o que passa e tudo o que está, criticam asperamente os namorados que estreitam mais do que o conveniente, odeiam as grandes rodas que crianças de todos os tamanhos e de todas as educações, preversas e ingénuas, fazem cantando e bailando. Há bocas ingénuas e rosadas, das de quatro anos, que entoam obscenidades veladas; há bocas já sensuais das de doze e catorze que cantam o que compreendem. Por vezes o ruído é ensurdecedor e militares sem graduação, corados e bonacheirões, param e largam a sua graçola. As crescidas sorriem enlevadas na obscenidade que as adulou, algumas respondem, dirigindo-lhes olhares que só se conhecem nos lupanares. Rapazes já crescidotes, apesar dos calções, cometem o acto heroico do apalpão e fogem velozes. Entretanto a roda desanda e a cantiga eleva-se no ar, torta, raquitica como as cantoras:

Se quizeres casar comigo, ó velho
Há de ser na condição
De eu dormir em boa cama
E tu, velho, no meio do chão.

Algumas mães que, ali perto, de mistura com criadas duvidosas e *guitas* impertigados, vigiam a virgindade das filhas, sorriem deleitando-se na sua candura. Se o calor aperta o jardim enche-se como uma casa de espectáculo, e os petizes arreliam-se, porque não podem correr à vontade com os seus arcos de madeira.

O jardim tem o seu enredo também, dezenas de enredos mesmo.

Aquela menina que além vai de vestido claro e saltos altos, pelo braço de outra, roliça e baixinha, de largas ancas, foi desflorada, uma noite, sôbre a relva de um canteiro. Era tarde já e o jardim estava deserto, a baixinha vigiou. Guardaram segredo todos três, mas ao dia seguinte toda a gente o sabia. Esta outra morêna, cabelo negro e caracolinho na testa, senta-se nos recantos onde a luz escasseia, com êste ou com aquele rapaz e para lá estão tempos infinitos.

Estas meninas que passeiam, em ranchos de quatro e cinco, possuiem todas o seu namoro, já todas elas cederam o seu beijo... são condescendentes.

Os jardins lisboetas, estéreis e acanhados, sem beleza, sem estética e... sem flores, são os principais centros de depravação; ultrapassam, por vezes, os cinemas da baixa. ¿Quantas tragédias repugnantes, quantas comédias dolorosas não dariam os jardins públicos?...

Lá ia eu entrar na questão social. Noutra crónica recomendarei que, em caso de revolução, o jardim, o primeiro foco infeccioso, deve ser incendiado. Hoje não. Deixem-me a sós com a minha fantasia, com os meus sonhos de regeneração por jardins que não existem, onde haja flores maravilhosas.

Todas estas ambições de jardins colossais e impossíveis nasceram singelamente, dum nada quási, como quási todas as cousas. Será talvez escusado citar agora aquela frase tam velha como o mundo:—uma grande viagem começa por um passo. Assim, começou o meu desejo e daí a minha crónica. O caso é simples. O meu amigo Sanches que costuma trazer para esta redacção grandes braçadas de flores, colocou num solitário, aqui mesmo á minha beira, algumas dálias, um grande malmequer branco e umas floritas singelas cujo nome desconheço. Puz-me a olhá-las e escrevi; juntei estas palavras leves, que durarão talvez tanto tempo na vossa memória, como o grande malmequer que já está a morrer.

Mário DOMINGUES

Ferroviários do Minho e Douro

«A União Ferroviário», do Pôrto, pede-nos a publicação da seguinte nota:

Podendo depreender-se pela leitura dos jornais de ontem, desta cidade, que os ferroviários do Minho e Douro, em geral, tomaram parte na manifestação de protesto contra a formação do actual govêrno ou contra qualquer dos seus membros, esta colectividade, como esclarecimento, declara que não tomou nem tomará parte em qualquer manifestação de carácter político, devendo o caso ter-se dado apenas com alguns dos componentes dum Centro Republicano Ferroviário, cuja sede é na rua Garret, desta cidade.

A BATALHA no PORTO

As greves no Pôrto — Prossegue a dos manufactores de calçado — Industriais que aderem — Oficinas sindicais

PORTO, 19.—C.—Ontem, para se ocuparem das respostas dos respectivos industriais, reüniram-se, em assembleia magna, enchendo literalmente o âmplo salão da Casa do Povo, os operários manufactores de calçado. A comissão explanou o resultado das suas *démarches*, verificando-se a adesão de 25 industriais, não atendendo os restantes devido a um compromisso de honra firmado por eles, conforme já informei. A discussão decorreu interessante e calorosa, notando-se em todos os grevistas as melhores predisposições para o prolongamento da resistência aos industriais. Salientou-se a necessidade de se iniciar a greve parcial e de se estabelecer oficinas sindicais, de forma à resistência se tornar mais sólida e menos árdua para os grevistas. Debatido largamente o assunto, ficou resolvido: 1.º que nas casas que assinaram a tabela apresentada pela Associação os operários retomem o trabalho, com a condição de não trabalhar no seu domicílio; 2.º montar-se em todos os bairros oficinas sindicais onde os operários manufacturarão a obra emquanto se conservarem em greve; 3.º nenhum operário fazer mais que uma solaria por dia, para assim se conseguir trabalho para o maior número dos grevistas; 4.º convidar o público que careça de calçado concertado a dirigir-se às oficinas sindicais, onde será servido por preços módicos e com a maior segurança e perfeição; 5.º de cada solaria ser descontado um escudo para auxílio dos mais necessitados; 6.º fazer-se, diáriamente, a chamada de todo o pessoal interno; 7.º que todos os operários que, pela sua competência profissional, mais falta façam aos industriais que não atenderam ainda as reclamações formuladas, se despeçam imediatamente, ingressando nas oficinas sindicais.

Estas resoluções, expressas numa moção, foram aprovadas por unanimidade e entre entusiásticas aclamações à união da classe. Em conformidade com as deliberações tomadas, fôram hoje passados bilhetes de identidade para os operários irem trabalhar para as oficinas sindicais.

Comunicações recebidas de Pedras Rubras, Vilar do Pinheiro e Penafiel asseguram que a greve nestas localidades se mantêm com a mesma coesão e entusiasmo, montando a Associação uma oficina onde será, por sua conta, exercida a profissão, atendendo às necessidades de alguns grevistas.

Os metalúrgicos da indústria do ramo de ferro declaram-se em greve

Após algumas semanas de infrutíferos esforços para se chegar a um acôrdo, os operários metalúrgicos da indústria de ferro declararam-se em greve. A greve, porêm, não é geral, visto que cederam aos 60 0|0 reclamados pelo Sindicato Único os seguintes industriais: Fundição do Bolhão Vieira & Silva, Empreza Industrial de Limas, Limitada, José Pereira Matos, garage Silva, Francisco Maia, Zacaria dos Santos, António M. Rodrigues Azevedo, Suc., M. Torquato Pereira & Filhos, Manuel R. de Carvalho, Fábrica Mobiliadora Portuense, Limitada, Joaquim Torquato Pereira, Joaquim Francisco de Azevedo e Fábrica de Niquelagam (Gaia).

Outros industriais, pretendendo assustar os grevistas, intimaram-nos a retomar o serviço até ao próximo sábado; não o fazendo, ameaçam fechar as suas fábricas. A despeito dêste *ultimatum* sèdiço, os interessados continuam no seu posto, embora pacìficamente. As reüniões dos grevistas teem sido concorridas e animadas.

Um passeio de protesto a S. Pedro da Cova, organizado pela Juventude Sindicalista do Pôrto

Promovido pela Juventude Sindicalista desta cidade, e dando cumprimento a uma deliberação tomada numa reünião efectuada para se protestar contra a reacção monárquico-sidonista que condenou três vítimas duma coligação de ricos lavradores, realizou-se, domingo passado, um passeio, de confraternização e protesto, ao lugar de S. Pedro da Cova, de onde são as vítimas e onde moram e medram os perseguidores. Os jovens sindicalistas, num acto digno de registo, espalharam, ao povo de S. Pedro da Cova, um manifesto, explicando-lhes a perseguição de que são alvos os mineiros que jazem nas cadeias da Relação, excepto António Martins Ferreira, que foi restituído à liberdade por haver cumprido a pena correccional. O povo recebeu bem o manifesto, chegando a juntar-se à volta dos jovens, conversando com eles.

Felizmente, a autoridade local não se manifestou. Como é justo não se esquecer as vítimas, tornando-se necessário mesmo olhar por elas no sentido de se conseguir uma justa reparação, eu respigo as principais passagens do aludido manifesto:

Não é ao vosso coração que vos vamos falar, é à vossa consciência que nos dirigimos; não é ao vosso sentimento para quem apelamos, é para o vosso raciocínio humilde que nos voltamos para que pondereis devidamente os argumentos que aqui traçamos, cheios de indignação por uma iniquidade que, ao pêso de ouro, se acabou de perpetrar. Já talvez adivinhasseis ao que pretendemos chegar: referimo-nos ao julgamento último daquelas três vítimas acusadas, pelos reacionários monárquico-sidonistas, de procederem a uns assaltos em casa de uns lavradores-régulos da vossa terra, em 5 e 6 de Dezembro de 1917, justamente numa ocasião em que, nas principais terras do país, o povo, revoltado, explorado, como vós, que ganháveis $80 a 1$00 para sustentar uma família, esfomeado, como vós, que vieis o cereal assambarcado pelos «honrados» lavradores e tinheis de comprar o pão a $50 o quilo,—se insurgira, numa acção de fôrça, contra os potentados rápaces, contra os ladrões legalizados da felicidade alheia que, para enriquecerem estupidamente, nos roubam a todos tudo aquilo quanto precisamos para dar de comer a nossos filhos, que morrem esqueléticos, chupados pela fome, dentro dos tugúrios, dos escuros casebres, por de sôbre uma tábua do soalho a desfazer-se pelo caruncho.

Para que uma sentença, baseada numa vendida decisão dos cinco jurados jesuítas e ran orosos condenasse António Martins Ferreira, o Choca, em 22 meses de prisão correcional e em cinco de multa a $10, e António Martins, o Manhoso, e Joaquim de Almeida França, o Nisco, em 2 anos de prisão maior celular, e 5 meses de multa a $10, pagando todos também 60 escudos ao Estado, como imposto de justiça—foi necessária uma coligação de lavradores, em que se salientaram Manuel Martins dos Santos e José Martins Ferreira, que gastaram rios de dinheiro para conseguir os seus fins, esse dinheiro que nos é arrancado à nossa miséria, êsse dinheiro que vem do preço exorbitante do milho que nos é vendido com muito custo. Para isto comprearam-se testemunhas, algumas das quais criados dos vingativos queixosos; untaram-se, largamente, as mãos dos advogados de acusação, presentearam-se jurados, exploradores também, visto que são proprietários, industriais, capitalistas e lavradores.

Houve só uma criatura que se não vendeu, porque é suficientemente austera, suficientemedte independente:—essa criatura foi o juiz, Visconde de Francos, que se indignou, na sua consciência, contra a malandrice de que são vítimas os operários acima apontados, que leu a sentença profundamente comovido, pois ficou convencido de que se tratou duma patifaria preparada durante dois anos. De resto, não foi só o juiz que se indignou e comoveu: foram os empregados do tribunal, os comandantes das fôrças da guarda republicana que permaneceram nas audiências, foi o operariado, aquele que trabalha como vós, que tem coração e sentimentos.

E' preciso que fiqueis sabendo: a condenação imposta pelos jurados, o labéu de GATUNO arremessado pelos reaccionários jurados, não foi só contra os três operários indicados, visto que se não podia prender toda a população de S. Pedro da Cova, Pôrto, Gaia, Gondomar e Valbom. Como bem disse o sr. dr. Bernardo Lucas, êsse insulto, êsse labéu, foi dirigido a todos nós, a todos os que sentem o pêso tirânico dos assambarcadores impunes, dos industriais dos comerciantes, dos ricos lavradores, de todos aqueles que surripiam os géneros de primeira necessidade para os venderem pelos altos preços que lhes apetecem, tripudiando livremente sôbre a nossa miséria, e tam ladravazmente, e tão infamemente, que até a própria imprensa burguesa se revolta contra as infrenes gatunices dêsses lavradores, dêsses comerciantes, dêsses senhores que os defendem, embriagados pela mais estonteante remuneração! Aquele labéu, aquela condenação, significa que nós temos a obrigação indiscutível de nos deixar mos morrer de fome, roubar, escravizar, vendo a nossa casa vasia e os nossos filhos perderem, dia a dia, a sua vida, por lhes faltar o pão com que se devem alimentar; aquele labéu, aquela condenação, significa que não temos o direito de nos queixar contra as tratantadas dos especuladores da miséria alheia; que não temos o direito de exigir uma vida feliz; que não temos o direito de reclamar o sustento indispensável da nossa família; que não temos o direito de nos vestir e calçar convenientemente; que estúpidamente ludibriados, sôfregamente roubados, não temos o direito de nos revoltar contra os sanguessugas que nos chupam o suor do nosso trabalho mal pago, base essencial para a compra das quintas, das casas, das joias, dos vestidos de seda, de tudo que essa gente rica tem e gosta.

Em alguns países estalou a revolução da fome, tomando o povo a direcção dos próprios negócios, isto é: dirigindo êle próprio as oficinas, as fábricas, as minas, a viação pública, cuidando do trabalho para todos e da alimentação equitativa só para os que trabalham. Noutros países, como em Itália e em Espanha, a Revolução está próxima.

Pois bem: em Portugal, onde há tantos terrenos por cultivar e tantas riquezas por desenvolver, devido ao exército de fraudulagem parasitária ser imenso, a miséria estadeia-se em mais alto grau do que em qualquer outra nação. Nestas condições, está próxima também em Portugal a Revolução.

Nas cidades, o operariado organiza-se, funda as suas associações de classe para àmanhã poderem dirigir os seus próprios destinos. E' conveniente que nos arredores, que nas terras mais pequenas se faça o mesmo. Vós, mineiros, já tivestes a vossa Associação de classe, que foi bem perseguida pelos donos das minas, que são aliados dos ricos lavradores acima mencionados. E' necessário que agora, mais do que da outra vez a reorganizeis. Tornai-vos num só homem, numa só família, e assim sereis fortes, e assim triunfareis, evitando que a exploração de que sois vítima se torne mais apertada ainda.

Será o melhor protesto contra a iniquidade que se acabou de praticar no Tribunal de S. João Novo, no Pôrto. E então esses lavradores, os exploradores do povo, verão aproximar-se o dia do ajuste de contas. E êsse dia está breve, juramo-vo-lo..

VIDA POLÍTICA

Juventude Socialista. — (Núcleo central).—A comissão administrativa, na sua última reünião, aprovou por unanimidade a seguinte moção:

Considerando que os governos burgueses, quer eles sejam das direitas ou das esquerdas, ainda mesmo quando no seu seio estejam incluídos indivíduos que se intitulem socialistas, não passam de caixeiros do regimen capitalista, sob cuja égide ainda vivemos;

Considerando que cabe ao Partido Socialista o dever de extinguir esta ordem social, substituindo-a pela República Social Igualitária;

Considerando que no actual momento em que o socialismo está sendo posto em prática e se torna de uma extrema necessidade de é inadiável estremarem-se os campos opondo ao «front» burguês a linha de batalha socialista;

A comissão administrativa do núcleo central da Juventude Socialista resolve:

1.º Declarar-se abertamente contra todos os governos burgueses qualquer que seja a sua côr política;

2.º Protestar contra a atitude dos indivíduos que dizendo-se socialistas se conluiaram com os chamndos grupos civis e quejandos para com mais facilidade satisfazeram as suas ambições;

3.º Negar a êsses organismos ou individualidades o direito de representar o povo socialista do país;

4.º A propósito da moção aprovada na reünião dos citados grupos civis, declarar-se abertamente partidária duma ampla amnistia a todos os presos políticos ou por questões sociais ou de disciplina militar.

Uma insídia patronal

O industrial João Felix da Silva Capucho, com oficina metalúrgica na rua de S. Paulo, foi obrigado, pela fôrça das circunstâncias, a, no último sábado, aumentar os salários dos seus operários.

Sucedeu, porêm, que êsse senhor, armando em patrão generoso, pretendeu em troca que os mesmos operários continuassem trabalhando aos domingos, apenas com o salário correspondente aos dias da semana.

Como os operários Caitano Rodrigues e José do Vale e Silva não quizessem satisfazer os desejos do industrial, êste senhor avisou-os de que na semana seguinte ser-lhes-ia tirado o aumento. Aqueles camaradas, indignados, preferiram não voltar mais à oficina do citado explorador, que assim não só desrespeita a lei do descanso semanal como a que regula o horário de trabalho, que é bem expressa quando diz que o trabalho normal da semana é de 48 horas.

Os dois camaradas, não só pelo direito que lhes assiste como igualmente pelo que foi resolvido pelo seu sindicato, entenderam, e muito bem, que não há patrão algum que possa obrigar os operários a trabalhar horas suplementares e domingos e só quando êstes entendam dever trabalhar o façam, em especiais condições, e ainda com o prémio de 100 0|0 sôbre o salário do trabalho normal.

Assim é que está certo, e o que o industrial Capucho fez é simplesmente infame.

As greves

Pessoal da Imprensa Nacional

O pessoal mostra-se disposto a continuar a luta pela completa satisfação das suas reclamações.

Em virtude da comissão de melhoramentos não ter conseguido ontem levar a efeito as *démarches* que mais justificavam a realização da assemblea convocada pelo Comité por intermédio de *A Batalha*, esta não se efectuou.

O director geral da Imprensa Nacional sr. Luís Derouet, teve ontem demorada conferencia com o chefe do governo àcêrca do movimento grevista do pessoal daquele estabelecimento.

A comissão tem marcada para hoje, às 22 horas, uma reünião com o presidente do ministério e o ministro do interior.

Pessoal da Casa da Moeda

Do Comité da greve recebemos a seguinte nota:

Continua com enérgia o movimento do pessoal dêste estabelecimento do Estado, apesar do administrador andar a propalar, que tem as ofícinas em laboração para criar o desânimo entre os grevistas, o que não consegue.

Sabemos de fonte autorizada, que os trabalhos que se estão executando só servem para dar alimento à caldeira, pois há casas que já mandaram sustar os seus trabalhos de selagem, como cheques, letras e outros valores, por os não quererem inutilisados.

O Comité convida o pessoal a reünir depois de àmanhã, pelas 15 horas, na travessa da Agua de Flôr, 33, a fim de tomar conhecimento das *démarches* da comissão.

Corticeiros de Belem

Ao contrário do que noticiaram alguns jornais, a greve dos operários corticeiros da casa Ramos mantem-se com a mesma firmesa.

A Secção dos Corticeiros de Belêm, na sua reünião de anteontem, apreciou a marcha desse movimento, sendo lido um ofício enviado pelo referido industrial, que não satisfez a assemblea, pois que fazia a exclusão dos quadradores manuais, afirmando que ia fazê-los substituir por máquinas, coisa que êsse industrial tem tentado desde há muitos anos, sem obter os resultados que desejava, vendo-se bem nessa sua declaração que se tratava duma vingança mesquinha, alem de se verificar que prometeu insignificantes aumentos, com o de 4 réis em milheiro de rolhas.

Em vista de tal atitude, a assemblea resolveu que se lhe enviasse um ofício, participando-lhe que não se retomaria o trabalho emquanto não fôssem atendidas as reclamações formuladas e readmitidos todos os grevistas.

A Secção de Belêm pede a todos os camaradas do país que contribuam com a sua cota todas as semanas, para que os grevistas possam sair vitoriosos.

A referida Secção protesta contra as notícias insertas ontem em dois jornais da manhã, dando o conflito por liquidado, e desmente tais informações que nada têem de verdadeiras.

Resolveu saúdar *A Batalha* pelos serviços prestados à sua e outras classes, e também os camaradas chauffeurs pela forma como se teem conduzido, desejando-lhes a vitória do seu movimento.

Chauffeurs

Com grande espanto da classe e dos proprietários dos automóveis, apareceram ontem na cidade os polícias intimando os proprietários de automóveis a tirarem o distintivo passado pela associação em vista da sua adesão, constando-nos que esta medida foi da autoria do sr. secretário geral do Govêrno Civil. A classe em sessão magna protestou enérgicamente contra tal arbitrariedade, que veio agravar a situação, visto que o conflito estava quási resolvido, o que deu motivo a que todos os automóveis de praça e particulares recolhessem às suas garages.

Alguns proprietários vieram até nós protestar contra a fórma como as autoridades procederam, pois que pela fôrça foram obrigados a retirar da sua propriedade o que tinham colocado de comum acôrdo.

O Comité participa que as adesões aumentam constantemente, tendo ontem chegado perto de cem.

O Comité incita a classe a que continue como até agora, a cumprir o seu dever de homens de bem, não trabalhando sem que seus patrões atendam às justas reclamações.

Hoje às 12 horas há uma reünião dos chauffeurs de camionagem, e às 17 horas reünião de chauffeurs de praça e aluguer. Havendo às 20 horas a continuação da assemblea da classe, é um dever a presença de todos os chauffeurs em geral.

NO PORTO

Metalúrgicos

A classe metalúrgica do Porto acaba de se declarar em greve geral pró-aumento de salário de 60 0|0.

A classe patronal, por intermédio da sua comissão, declarou que achava justa a reclamação e até diminuta, mas apesar disso persiste sistemáticamente na oferta de 30 0|0 que classe repudiou por achar insuficiente.

Sociedades de Recreio

Grémio Social Filhos do Trabalho.—Para tratar de assuntos graves para êste Grémio reúne hoje a direcção extraordinàriamente.

Um acto "inteligente"

Uma comissão de chauffeurs procurou o secretário do govêrno civil, sr. Carlos Olavo, em virtude de ainda não estar nomeado governador civil, pelo motivo de a polícia não permitir que os automóveis cujos proprietários aceitaram as reclamações dos chauffeurs, usassem um pequeno sinal nos carros, feito de pano branco com a chancela da associação.

Aquele senhor respondeu-lhes que não o permitia porque a Associação dos Chauffeurs não era um Estado dentro do Estado.

E não havemos de admirar êstes homens *superiores!*

A BATALHA em Oeiras

Vende-se em casa do sr. Joaquim Pimentel.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal dos Tabacos.—A comissão delegada do Pessoal Extraordinário dos Tabacos procurou ontem o ministro das finanças não sendo recebida por êle, mas por um dos seus secretários, a quem deixou a cópia das reclamações entregues à Companhia sôbre aumento de salário e mais reclamações pendentes do último movimento, esperando a comissão receber uma resposta na próxima semana.

Sindicato Unico da Construção Civil.—*Conselho administrativo.*—Reüniu no dia 21 com a presença dos delegados dos Carpinteiros, Pedreiros, Pintores, Estucadores, Serventes e Cabouqueiros, faltando os delegados dos Cerâmicos, Mecânicos em Madeira, Canteiros e Serradores. Apreciou o expediente, entre o qual um ofício da Secção do Alto Pina e uma carta dum camarada sindicado, que baixaram à Federação.

Pelo secretário geral foi feita a leitura da circular que vai ser distribuida aos sócios explicando as causas do aumento da cota para assim o Sindicato corresponder ao fim para que foi criado, e resolvido que no dia 5 de Agosto se realizem assembleas gerais na sede Central e nas Secções Sindicais de Belém, Alto do Pina, Beato, Palma e Charneca, para resolver êste assunto, devendo para isso os respectivos secretários mandarem com urgência nota do número de circulares que necessitam, as quais serão entregues aos sócios no primeiro domingo de Agosto.

Por último resolveu brevemente distribuir aos sócios os boletins de trabalho para serem preenchidos.

Secção Profissional de Serventes.—Reüniu esta secção, sendo apreciada a situação económica dos seus componentes e resolvido levar-se à prática uma sessão magna, para sócios e não sócios, que se realizará em dia que esta secção determinar, devendo ser distribuidos convites para todas as obras.

Caixeiros.—A Direcção da Associação dos Caixeiros resolveu dar todos os poderes aos colegas Francisco dos Santos e Luís Marques Migueis, como delegados desta agremiação à fusão de todas as associações de empregados no comércio existentes em Lisboa, a fim de se fazer o mais rápidamente possível o sindicato único destas classes, em face das constantes perseguições movidas pelas associações patronais.

São por esta forma os mesmos colegas convidados a comparecerem hoje, pelas 21 horas, na sede desta Associação.

Sindicato Único Mobiliário.—*Comissão administrativa.*—Novamente notifica aos sindicados que àmanhã em todas as oficinas se devem promover quetes pró-*Batalha*, cuja contribuição será de $50 por uma só vez.

As oficinas que ainda não possuam as respectivas listas devem nomear hoje um delegado que as requisitará a esta comissão.

Para assunto urgente devem comparecer hoje, às 20 horas prefixas, os camaradas António Henriques e Luís Máximo.

Secção dos Corticeiros de Belêm.—Apreciou um ofício da Federação sôbre o congresso e uma local de *A Batalha*, do dia 21 do corrente, resolvendo nomear o delegado que faltava, recaindo a nomeação no camarada Henrique Júlio.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Único Metalúrgico.—Reúne hoje a Comissão Administrativa, convidando-se a comparecer a esta reünião os secretários administrativos das Secções de Belém e Poço do Bispo, para efeitos de contas.

E' conveniente, em especial, a comparência dos representantes da Comissão Administrativa da Secção de Belém, em vista de se tornar urgente a convocação da assemblea geral na respectiva Secção.

Sindicato Único Mobiliário.—Realiza-se hoje, às 21 horas, a assemblea geral dêste sindicato, com a seguinte ordem dos trabalhos: Continuação da discussão, referente ao trabalho de horas suplementares; apreciar e resolver sôbre o parecer da comissão de inquérito sôbre a situação de alguns sindicados que fazem parte de grupos políticos revolucionários; apreciar uma proposta da comissão organizadora do 1.º Congresso Nacional Corporativo.

Sindicato Único da Construção Civil.—*Comissão Escolar.*—Reúne àmanhã, pelas 21 horas. Que nenhum delegado falte.

—*Secção Profissional dos Estucadores.*—Reúne hoje, a assemblea geral, pelas 21 horas, para apreciar o relatório da comissão revisora de contas e outros assuntos de interêsse para a classe. Pede-se a comparência dos camaradas que fazem parte da comissão revisora.

Descarregadores de Mar e Terra.—Para tratar de assuntos de interêsse para a classe é a mesma convidada a reünir em assemblea geral hoje, pelas 20 horas, pedindo-se a comparência do maior número de sócios.

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA.

Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos

Realizou-se a assemblea magna dêstes camaradas, presidindo Alves Pereira e secretariando Gaspar Martins e Luís Lopes.

Sôbre a ordem dos trabalhos — transferências de pessoal e demissão dos camaradas acusados de implicados no movimento da U. F. falaram, entre outros, os seguintes camaradas: Jermano R. S. Santos, Marques Pimenta, Leonardo Silva, Alves Pereira e M. Ribeiro.

A assemblea que foi largamente concorrida aprovou duas moções, uma com as seguintes conclusões:

1.º Abdicar neste momento das reclamações de carácter material, que possam entravar as de ordem moral. 2.º Saúdar e felicitar o *Eco Telégrafo-Postal* pela brilhante defesa que ultimamente tem tomado pelos seus componentes, dispensando-lhes todo o apoio moral e material. 3.º Exarar na acta o seu enérgico protesto pelas perseguições de que vem sendo sendo vítima e representar aos poderes constituidos no sentido de lhes pôr termo. Tornar responsáveis os ditos perseguidores ou quem a determina por possíveis acontecimentos que possam dar-se. Saúdar a imprensa que tem tomado a defeza da nossa causa e, calorosamente—*A Batalha*, como lídimo representante do proletariado.

Foi ainda aprovada outra moção apresentada pela comissão administrativa, com estas conclusões:

1.º Lavrar o seu protesto indignado contra o despotismo que impera nos serviços da Administração Geral dos Correios e Telégrafos sôbre o pessoal seu dependente, depois do movimento de Março último.

2.º Endereçar a todas as vítimas de injustos castigos, uma saúdação fraternal como prova de que a classe os não esqueceu nem abandonou.

3.º Nomear uma comissão que deverá entrevistar o ex.mo ministro do Comércio, solicitando-lhe a anulação de todos os castigos aplicados depois da greve e que envolvam manifesta acção de represália, bem assim como o cumprimento da 3.ª cláusula dos compromissos tomados pelo govêrno para solução do último conflito telégrafo-postal.

4.º Dar conhecimento destas deliberações a todas as nossas comissões distritais, delegacia e Associação do Pessoal Maior.

5.º Provar perante o público que as transferências do pessoal menor telégrafo-postal longe de beneciar o serviço, só servem para o irregularizar cada vez mais.

A classe resolveu ainda protestar contra a falta de lealdade e boa camaradagem de alguns camaradas superiores.

No final foi levantado um viva à união telégrafo-postal que foi ruidosamente correspondido.

Reclamações corporativas

Fragateiros

A classe dos fragateiros do pôrto de Lisboa está tratando de obter melhoria de situação, tendo já apresentado a nota das suas reclamações, que são as que seguem, e não as publicadas por alguns jornais:

Salários mensais: Embarcações de 15 toneladas: Arrais, 126$00; 1.º Camarada, 123$00.

Embarcações de 15 e 25 toneladas: Arrais, 127$00; Camarada, 124$00; Moço, 48$00.

Embarcações de 25 a 35 toneladas: Arrais, 128$00; 1.º Camarada, 121$00; Moço, 48$00.

Embarcações de 35 a 50 toneladas: Arrais, 130$00; 1.º Camarada, 126$00; 2.º Camarada, 125$00.

Embarcações de 50 a 70 toneladas: Arrais, 132$00; 1.º Camarada 128$60; 2.º Camarada, 127$00; Moço, 50$00.

Embarcações de 71 a 90: Arrais, 133$00; 1.º Camarada, 126$50; 2.º Camarada, 127$50; Moço, 50$00.

Embarcações de 91 a 120 toneladas: Arrais, 134$00; 1.º Camarada, 130$00; 2.º Camarada, 129$00; Moço, 50$00.

Embarcações de 121 a 140 toneladas: Arrais, 135$00; 1.º Camarada, 131$00; 2.º Camarada, 130$00; Moço, 51$00.

Embarcações de 141 a 180 toneladas: Arrais, 137$00; 1.º Camarada, 133$00; 2.º Camarada, 132$00; Moço, 52$00.

Extraordinários.—1.º—Quando carregadas com produtos inflamáveis, 1$00 por dia a cada tripulante, não podendo acender lume a bordo.

2.º—Quando tenham que trabalhar fóra das horas regulamentares com a carga e a bordo de qualquer navio em carga ou descarga, $50 por cada hora.

3.º—Para operações de cargas ou descargas em terra e em qualquer pôrto quando o serviço seja feito depois das horas regulamentares, vencerão cada arrais e camaradas 1$00, isto quer o serviço a prestar leve muitas ou poucas horas, salvo quando tenham que trabalhar com a carga pois nesses casos vencerão $50 por cada hora e por tripulante.

4.º—Para os casos de embriaguez freqüente, falta de respeito ao cumprimento dos seus deveres ou menos honestidade nas cargas que lhe são confiadas, ficam como até aqui.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

A festa, no Ginásio, de Auzenda de Oliveira, terça feira, com a peça «O A'», está despertando enorme entusiasmo.

No sábado passado regressou a Madrid, donde seguirá para Itália, o director técnico do Teatro de S. Carlos, sr. Ercale Canali, que veio a Lisboa, afim de apresentar aos srs. administradores delegados da Sociedade de S. Carlos, o resultado dos seus trabalhos de preparação da próxima temporada de ópera.

O elenco apresentado mereceu a aprovação plena, porquanto da sua constituição, resultou a certeza que a próxima época lírica, terá o brilho e valor condigna com a categoria do nosso primeiro teatro.

Reclames

—No Nacional a comédia *Sonho de uma noite de Agôsto* prossegue hoje na sua gloriosa carreira.

—Recrudesce, aumenta, avulta, avoluma-se todas as noites o entusiasmo pela revista do Trindade, *Chá e Torradas*, cujo êxito ninguem será capaz de fazer diminuir, pois que o teatro se enche literalmente e as palmas são tantas e tão repetidas que se ouvem no Camões, desde o primeiro ao último quadro.

—Aproveite estas irrevogáveis despedidas da revista *Negócio da China* e do quadro *Cabeças ôcas*, ainda em scena no Eden, quem não quizer ficar privado de ter visto o mais sensacional e deslumbrante espectáculo dos últimos tempos.

—Os quadros novos da revista no Avenida continuam em pleno êxito. São graciosíssimos, e teem linda música, sendo espirituosamente interpretados.

—Deve ser visto por toda a gente que goste de um trabalho interpretativo perfeito o desempenho que à emocionante peça *A Labareda*, agora em scena no Politeama, dão os distintos artistas Berta Viana da Mota e José Alves Cunha. As scenas dos 2.º e 3 actos, principalmente, são magistrais, na produção dramática, na pormenorização das figuras, que resaltam grandíssimas e tão lógicas no carácter como o doutor pretendeu que fôssem.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21,30—«Sonho de uma noite de Agosto», comédia.
SÃO LUIZ—Ás 21,30—«Sol e Moscas».
GIMNASIO—A's 21,15—Epoca de verão. A graciosa comédia «O As».
TRINDADE—A's 21,15—«Chá e Torradas», revista.
POLITEAMA—Ás 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21,30—«Com unhas e dentes», revista.
EDEN — A's 21,15 — «Negócio da China», revista.
APOLO — A's 21,15 — A peça «O Serafim da Graça».
GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas-feiras, a opereta «O Ramo de Rosas» e 1 acto de variedades.
ANJOS—A's 21—«A grande bicha».
Variedades e animatógrafos.—Salão Foz, Coliseu dos Recreios, Salões: Olimpia, Central, Condes, Chiado Terrasse, Anjos, Trindade, Promotora, Portugal, Chantecler Ciné-Paris, Ideal.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo Central.—Reúne hoje a comissão administrativa dêste núcleo. Roga-se a comparência de todos os seus membros bem com dos cobradores, Paulo Santos; Américo Carvalho, Joaquim Seabra e Cesar de Castro. Roga-se que ninguem falte.

Núcleo da Indústria de Calçado, Couros e Peles.—Não podendo reünir a comissão administrativa dêste núcleo conforme estava anunciada para ontem, devido ao abandono dos mesmos camaradas não pôde esta reünir, o que é deveras lamentável.

Fica esta convidada a reünir hoje pelas 21 horas. Não comparecendo todos os membros da mesma os que vierem resolverão os assuntos a tratar.

Livros escolares

Foi rectificado o anúncio do concurso para livros escolares publicado na folha oficial, na parte respeitante ao ensino primário geral, determinando-se que o livro de música e canto coral para as 1.ª, 2.ª e 3.ª classes contenha não só canções mas também ligeiras noções de música, de harmonia com o programa respectivo.

Na Torre de S. Julião da Barra

Anteontem o 1.º sargento Ferreira, do 2.º batalhão de artilharia de costa, em diligência na Torre de S. Julião da Barra, sovou duma maneira brutal um soldado ali preso sob a acusação de ter furtado uma manta. O soldado negou sempre ter praticado o furto.

O sargento ao conferir o número de mantas verificou que estavam certas, porêm, desconfiou que uma delas não era idêntica às outras. Por isso afirmava que o tal soldado tinha vendido a primitiva substituindo-a por outra.

A sova foi de tal ordem que o rapaz ficou como morto.

Ontem o referido soldado quiz ir a doentes a fim de se tratar e contar o sucedido, mas não o deixaram para que o caso não transpirasse.

Ultimas notícias

A Irlanda agitada

Os sinn-feiners conservam de refens alguns generais

BERLIM, 22.—As pesquizas feitas desde há 15 dias pelas autoridades militares para descobrir o paradeiro do general Lucas, feito prisioneiro pelos sinn-feiners, teem sido vãs.

O conselho municipal de Sligo aprovou uma moção para que sete oficiais generais sejam guardados como refens até que os prisioneiros políticos irlandêses estejam em liberdade.

O mesmo conselho municipal fez um apêlo a todos os homens dos 18 aos 40 para que se alistem imediatamente no exercito republicano irlandez.—*Rádio.*

Os aliados e o Oriente

Emir Faiçal quer opôr-se às operações das tropas francesas

LONDRES, 22.—Segundo o «Daily Mail» o emir Faiçal aceitou o mandato da França sôbre a Síria, sob a reserva de que a Sociedade das Nações fixe as modalidades dêste mandato. O general Gouraud não aceitou esta reserva e pediu a emir Faiçal que admita simples e puramente todas as condições do ultimátum que lhe enviou. Faiçal tem, segundo parece, a intenção de se opôr às operações das tropas francesas.—*Rádio.*

Os aliados e os Sovietes

O govêrno inglês acha satisfatória a resposta dos Sovietes

LONDRES, 22.—O conselho de ministros examinou hoje a réplica do Govêrno dos Sovietes com respeito à proposta do armistício, foi julgada não satisfatória. Vai ser enviada uma nova nota para Moscow solicitando mais largas explicações àcêrca das intenções dos Sovietes.

Millerand referiu-se hoje na Câmara Francesa à replica dos Sovietes tachando-a extraordinàriamente impertinente. Declarou não se chegar a um acôrdo. Os aliados ajudarão a Polónia com todas as suas fôrças e que a França seria fiel à sua palavra e que a Inglaterra faria o mesmo.

Notícias chegadas hoje dizem que os bolxevistas dobraram a frente polaca a trinta milhas da fronteira da Prússia Oriental. Se o govêrno dos Sovietes não aceder a fazer a paz com a Polónia e no caso de evadir êste país, as negociações comerciais de Londres com aquele govêrno serão imediatamente suspensas. Entretanto a missão comercial russa agora em Reval não seguirá para a Inglaterra enquanio esta questão não estiver resolvida.—*Rádio.*

A questão polaca

Os governos francês e inglês vão mandar à Polónia uma missão para estudar a sua situação

PARIS, 22.—Os governos francês e inglês decidiram enviar à Polónia uma missão para examinar a situação e as medidas que ela comporta, estando compreendido o envio de oficiais instrutores e de material de guerra.

A missão francesa é constituida pelo sr. Jusserand, embaixador da França nos Estados Unidos e actualmente de licença em Paris, e pelo general Weygand, chefe do estado maior do marechal Foch. A missão inglêsa é constituida por Lord Sernon e pelo general Radcliffe. As duas missões partiram esta noite para Varsóvia.—*Rádio.*

Na Roménia

Desmente-se que os bolxevistas a tivessem invadido

PARIS, 22.—A legação da Roménia desmente formalmente a notícia duma invasão e dum avanço das tropas bolxevistas na Roménia. Esta notícia tem tanto fundamento como a duma ordem de mobilização na Roménia.—*Rádio.*

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo, seguindo depois para casa, José da Silva, de 26 anos, podreiro, residente na rua Ilha Terceira, 26, que nas obras da construção de um predio na rua Luciano Cordeiro foi colhido por uma porção de terra de uma barreira que abateu, ficando contuso na perna esquerda e ferido na cabeça.

—No mesmo banco recebeu igualmente curativo Celeste Pereira da Silva, de 18 anos, natural de Lisboa, e residente na Vila Dias, 65, 1.º, que na fábrica em Xabregas foi colhida por um engenho de uma máquina, fracturando o braço direito.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Da morgue sai hoje, pelas 15 horas, para o cemitério da Ajuda, o funeral do camarada Manuel Sequeira de Araújo, descarregador de mar e terra e que foi um dedicado elemento no respectivo sindicato. A direcção convida todos os camaradas a incorporarem-se no prestito.

Cotações de folha e chapa de cobre e outros materiais
As melhores dá
A. Telles Machado
Representante da casa
John P. Quinn de Liverpool
Rua de S. Julião, 23
Telefone 3742 C.

SIFILIS
Grande descoberta de plantas para a cura da sifilis e de todas as doenças que derivem da impureza do sangue. Centenas de pessoas se teem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Caixa, $80. Travessa da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, à Estrela. (212)

A' Rapaziada!!!
As valentes e pêras!

Botas prêtas, para homem, a 13$75, 15$25 e 16$75.
Botas brancas, **As Valentes**, a 13$75.
Botas Prêtas, **duas solas**, a 16$75.
Sapatos, para senhora, a 11$50, 14$50, 15$00 e 16$00.
Grande variedade de calçado para criança, e de luxo para senhora.
Para a frente é que é!!! Venham ver os nossos prêços!
Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Notícias».
SAPATARIA S. ROQUE
16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque) 27

DAMIÃO & C.ª
Especialidades em fatos, vestidos e chapeus para crianças
57, Rua Garrett, 59
LISBOA
(285) TELEFONE 2940

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio, correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente reformado, António Luís, chefe de distrito que foi da Divisão de Via e